

MILESTONES 2018

RETOMADA APESAR DO DESCONFORTO

Ainda no final do ano passado a expectativa era que em 2018 a indústria de alimentação animal avançaria no mínimo 3%. No entanto, o revés passou a se manifestar ainda nos primeiros meses, por conta do incremento no custo da alimentação pressionada pelos preços em alta dos grãos e por outros insumos importados e indexados ao câmbio, influenciado externamente pelo crescente conflito comercial global e aumento da taxa de juros nos Estados Unidos, e internamente por causa do grave buraco das contas públicas e da volatilidade, fruto das incertezas políticas provocadas pelas eleições. A cadeia produtiva também foi surpreendida pela interrupção dos embarques de frango ao continente europeu e, ao embargo russo, no final do ano passado contra a carne suína brasileira. Em seguida, no final de maio de 2018, o Brasil presenciou a expressiva paralisação logística causada pela greve dos caminhoneiros.

Tais fatores prejudicaram o desempenho da cadeia produtiva durante o primeiro semestre, cujo retrocesso pode ser aliviado, por conta da reação apurada a partir da segunda metade do ano.

Apesar de envolto nesse ambiente adverso, o setor não descuidou das inovações regulatórias, de espectro tributário e também de ordem ambiental, da qual se destacam a contabilidade da pegada de água e carbono e a destinação dos resíduos sólidos. Temos acompanhado atentamente a logística reversa das embalagens pós-consumo junto às autoridades do Meio Ambiente e do Ministério Público e esclarecido aos fabricantes de mercadorias comercializadas no varejo, ou seja, super/hipermercados, pet shops e casas agropecuárias da obrigação do recolhimento de 22% da massa de embalagens vazias que circulam no ambiente urbano.

Outro fenômeno contemporâneo que traz desconforto é resultado do impacto da digitalização das comunicações que modificou a forma como as pessoas produzem informações, e embora contribua para a democratização midiática e o jornalismo cidadão, modifica a forma como as notícias são consumidas e digeridas, sobretudo por conta do acesso aos conteúdos, imediatismo e quantidade sem precedentes, que alcançam praticamente a todos e afetam a maneira de enxergar o mundo e viver o capitalismo tardio.

Esse novíssimo período histórico destaca o avanço e a diversificação dos núcleos produtores de informação que tem espalhado imensurável quantidade de dados por todo o mundo, muito embora, e em grande medida, sem base factual e nem sequer objetividade.

Ao contrário, as notícias se sustentam na publicação de fantasias e na reprodução de imagens equivocadas que comprometem a criticidade e amplificam a opinião do público empático.

Como já proclamavam os situacionistas franceses no final da década de 60, vivemos a *“sociedade do espetáculo”*, na qual o fluxo de imagens e a intensidade de postagens gera a percepção de *“hiper-*

realidade”, onde o ambiente saturado pela mídia eletrônica altera realmente a percepção do que é real e torna mais difícil do que antes, diferenciar imagem de realidade (Baudrillard e Eco).

As notícias falsas (que inspiram medo, revolta e surpresa) têm 70% mais chances de viralizar (pela maior velocidade e abrangência) do que as informações verídicas que deflagram expectativa, tristeza, alegria ou confiança (*“The Spread of True and False News Online”*, Massachusetts Institute of Technology/MIT).

Semelhantemente, a abordagem dos significados da *“Pós-verdade”*, *palavra do ano escolhida pelo Dicionário Oxford*, e das *“Fake News”* (*palavra do ano de 2017, escolhida pelo Dicionário Collins*), demonstram como a informação pouco fundamentada passa a ser gradativamente preferida pela audiência, em detrimento de dados objetivos ou fontes dotadas de maior credibilidade.

Agora em 2018, o Dicionário Oxford ranqueou a palavra *“TÓXICO”* como a favorita e escolhida pelas pessoas para caracterizar múltiplos contextos, coisas, eventos, situações e preocupações.

Plástico *“TÓXICO”*, atmosfera *“TÓXICA”*, comida *“TÓXICA”*, relacionamento pessoal *“TÓXICO”*, ambiente de trabalho *“TÓXICO”*, Governo *“TÓXICO”* ...etc.

A sociedade também vem sendo bombardeada pela segunda geração de conteúdos mentirosos ou baseados em imagens manipuladas digitalmente (os conhecidos Deepfakes), capazes de chantagear principalmente as celebridades e os políticos em ano de eleições.

A recomendação é confiar cada vez menos nos próprios olhos e lamentar que a *“banalização da mentira vem relativizando a verdade”*, e provocado diminuição da preocupação do público em relação à veracidade das informações recebidas, já que o valor ou a credibilidade dos meios de comunicação se veem reduzidos diante das opiniões pessoais.

Os acontecimentos são remetidos ao segundo plano, e o *“como”* se conta a história ganha importância e se sobrepõe ao *“o quê”*. Não se trata, então, de saber o que ocorreu, mas de escutar, assistir, ver e ler a versão dos fatos que mais concorda com as ideologias de cada um.

É patente reparar no avanço da humanidade diante do contexto em que dados e notícias são transmitidos em alta velocidade por todo o mundo, muito embora, as *“Fake News”* e sua influência negativa na política, mercados de capitais e até na saúde pública, tem resultado desinformação cada vez mais evidente.

Por sua vez, os ataques virtuais endereçados à produção agropecuária confundem a comunidade de internautas acerca da necessária mobilização da terra agricultável, da natural emissão de gases de efeito estufa pela pecuária e da importância da ingestão de proteína animal, são alguns dos tantos exemplos em que a banalização da mentira relativiza a verdade.

Curiosamente boa parte da comunidade científica continua calada frente às forças sociais, psicológicas e tecnológicas das notícias elaboradas para enganar a audiência ou mesmo atender algum interesse escuso.

Apesar dos gargalos citados anteriormente as previsões extraídas do relatório da OCDE/FAO (*Agricultural Outlook 2017/2027*), sustentam que o Brasil vai superar 23% das exportações globais de

carnes (bovina, suína e aves) até 2027, algo em torno de 8,7 milhões do montante geral de quase 37 milhões de toneladas.

Essa vigorosa participação nacional, prevê avanço da ordem de 49%, 5% e 26%, nas remessas de carne bovina (1,8 milhão tons/2017 e 2,7 milhões tons/2027), suína (688 mil tons/2017 e 720 mil tons/2027) e de aves (4,2 milhões tons/2017 e 5,3 milhões tons/2027), marcas ainda superiores, quando comparadas à esperada taxa de exportação global de 16% (11 milhões tons/2017 e 12,8 milhões tons/2027), 4% (8,3 milhões tons/2017 e 8,6 milhões tons/2027) e 25% (12,7 milhões tons/2017 e 15,8 milhões tons/2027), respectivamente.

Outrossim, o estudo da FAO (*Biannual Report on Global Food Markets/June 2018*) registra que as transações globais devem recuperar-se em certa medida, alcançar 33 milhões de toneladas e crescer 1,8% em 2018 (maior avanço desde 2013), constituindo razoável recuperação, quando comparadas ao apurado no ano passado que contabilizou trocas de 32 milhões de toneladas. O montante está alinhado à produção mundial das carnes (bovina, suína, aves, outras) esperada, que deve avançar 1,7% nesse ano corrente. A saber, a quantidade adicional somada resultará aproximadamente 336 milhões de toneladas, suprimento sustentado principalmente pelo Brasil e outros tradicionais exportadores (Estados Unidos, China, União Europeia, Rússia, Índia, México e Turquia).

Levando em conta o histórico apurado nos últimos anos e confiando na retomada econômica é possível apostar em avanço para a indústria de alimentação animal em 2019, já que seu desempenho é modulado sobremaneira pelo setor produtor/exportador de proteína animal.

Além do mais, a definição dos protagonistas do Executivo e a renovação do Legislativo decerto aliviaram a tensão do empreendedor, contribuirão para o investimento e geração de empregos e devolverão alguma confiança ao consumidor doméstico. A generosa safra de grãos prevista também pode amenizar o custo da alimentação dos rebanhos e favorecer a cadeia produtiva de proteína animal, muito embora o recrudescimento do protecionismo comercial global, o enxugamento monetário americano, e principalmente, o adiamento das reformas estruturantes domésticas (Previdenciária e Tributária) podem despejar água fria na fervura.

Exercitando a futurologia com razoável dose de otimismo é possível idealizar avanço de 3% para nossa terceira maior indústria global de alimentação animal.

A nossa cadeia produtiva que contribui na sustentação do AGRO brasileiro, na movimentação de milhões de toneladas de insumos, bilhões de Reais contabilizados e milhares de empregos gerados.

Ariovaldo Zani – CEO

Sindirações